

CRISTÃOS E POLÍTICA: REFLEXÕES EM TORNO DA EXPERIÊNCIA “VALORES PARA MEU PAÍS”

Mariela Analía Mosqueira
Universidade de Buenos Aires- CEIL-CONICET
Lic. Em Sociologia e Doutoranda em Ciências Sociais
e-mail: marielamosqueira@gmail.com

Marcos Andrés Carbonelli
Universidade de Buenos Aires- CEIL-CONICET
Lic. Em Ciências Políticas e Doutorando em Ciências Sociais
e-mail: m_a.carbonelli@yahoo.com.ar

Resumo

Este artigo analisa o surgimento do espaço político-religioso denominado “Valores para meu País” (VPMP) que se articula em torno da figura da deputada evangélica Cynthia Hotton, eleita em 2007 pelo PRO (Proposta Republicana). Apesar do VPMP não ser a primeira nem a única modalidade de participação política por parte de grupos evangélicos no cenário político nacional, sua particular organização, visão da política e dinâmica de atividades merecem uma análise específica. Para abordar este objetivo, nos valeremos de uma perspectiva que manifeste as tensões e acordos emergentes tanto no interior de tal espaço político quanto na articulação com a comunidade evangélica e o cenário político atual.

Palavras-chaves: evangélicos; participação política; Argentina

INTRODUÇÃO

Desde o retorno da democracia em 1983, a participação de atores evangélicos no cenário político argentino tem se multiplicado, em sintonia com seu crescimento demográfico e sua afirmação no interior do campo religioso e social. Suas primeiras incursões na década de 80 estiveram associadas ao reconhecimento do regime democrático e da práxis propriamente política no interior das comunidades. Na década de 90, tiveram lugar dois tipos de experiências, assinalando modalidades dissimiles de inserção de atores evangélicos no cenário político partidário. Nos referimos à participação do pastor metodista Míguez Bonino como deputado constituinte pelo FREPASO (Frente para um País Solidário) em 1994, e à confirmação dos partidos Movimento Cristão Independente e Movimento Reformados, para o mesmo período,

nas cidades de Buenos Aires e Córdoba, respectivamente. Com escassos rendimentos eleitorais, os “partidos evangélicos” perderam personalidade jurídica e seus dirigentes se disseminaram em diferentes estruturas partidárias, como a Frente Grande, o partido Demócrata Cristão e o Pólo Social (Wynarczyk, 2006). Outro ator evangélico com participação política destacada foi o doutor Héctor Lombardo, líder leigo da Igreja Metodista, que desempenha a função de Ministro da Saúde entre 1999 e 2001, durante o governo da Alianza.

Já no século XXI, a presença evangélica no âmbito partidário teve novo vigor e vários membros deste campo participaram em diversas instâncias de competência eleitoral, sendo alguns eleitos para cargos públicos. Entre os casos mais emblemáticos podemos citar o do pastor batista Pablo Tschirsch, que foi vice-governador da província de Misiones entre 2005 e 2009, e que posteriormente seria candidato a governador no mesmo distrito; o de Hugo Acuña, batista, eleito como deputado nacional pelo Movimento Popular Neuquino em 2005 e finalmente, o de Cynthia Hotton, eleita como deputada nacional em

outubro de 2007, pelo partido Proposta Republicana (PRO)¹.

Neste artigo nos centraremos no caso do espaço político-religioso “Valores para meu País” liderado pela mencionada deputada, pois consideramos que suas particulares dinâmicas de intervenção no espaço público nos últimos tempos merecem tanto uma análise focalizada, quanto constitui uma nova modalidade de presença, ação e discurso religioso no âmbito do político.

Segundo Segato (2007), o trabalho intenta estabelecer deliberadamente um contraponto entre a visão da cúpula dirigente e as bases militantes em torno da conformação do espaço político-religioso. Esta polifonia enriquece nossa indagação analítica, enfatizando tensões e interrogações que emergem do resgate da voz do militante e seu distanciamento da perspectiva dos líderes.²

Para explorar esses objetivos, dividimos a exposição em três partes. No primeiro delinearemos a trajetória política da deputada Cynthia Hotton. Em seguida, caracterizaremos o espaço político-religioso VPMP à luz das dinâmicas internas e mútuas articulações do campo político religioso

presentes na Argentina. E, finalmente, sobre as coordenadas traçadas, nos centraremos no sentido e na *práxis* militante da equipe “juventude” do VPMP, colocando em relevo as múltiplas relações e tensões que se estabelecem entre a cúpula dirigente e a militância juvenil.

DA IGREJA AO CONGRESSO: TRAJETÓRIA DE UMA DEPUTADA EVANGÉLICA.

Cynthia Hotton nasceu em 17 de janeiro de 1969. A carreira diplomática de seu pai (Arturo Hotton) proporcionou a realização de uma parte de seus estudos primários em Genebra, Suíça. Posteriormente, continuou seus estudos secundários no Instituto “Linguas Vivas” na Argentina.

Em 1991, licenciou-se em Ciências Econômicas na Universidade de Buenos Aires. Em seguida realizou o Curso de Diplomatas no ISEN (Instituto do Serviço Exterior da Nação), se especializando em relações internacionais. Em nível profissional, trabalhou na Secretaria de Planificação da Presidência da Nação (1991), foi assessora no projeto PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) entre 1992 e 1995,

assistente econômica da CEPAL (Comissão Econômica para América Latina e Caribe) em 1992 e participou da Direção de Apoio à Promoção do Comércio Exterior entre 1999 e 2002, entre outras. Foi ainda assessora de comércio exterior da Honorable Câmara de Deputados, Cônsul em Salto (Uruguai) em 2004 e fez parte da cátedra de Agricultura Orgânica e Comércio Exterior na Universidade Católica Argentina no mesmo ano. Um de seus ancestrais foi uma importante referência no campo religioso. Jorge Hotton, seu bisavô, missionário australiano que se fixou em Zárate no início do século XX. Sua obra é reconhecida pela comunidade evangélica e, recentemente, dirigentes evangélicos destacaram seu labor religioso e a importância que teve para o crescimento do movimento evangélico na Argentina (EL PUENTE, 17/04/2009). Arturo Hotton, neto de Jorge Hotton e pai de Cynthia, realizou uma exitosa carreira diplomática, representando a Argentina como embaixador na Bulgária e na Macedônia. Paralelamente, teve uma ativa participação no campo evangélico, participando de modo visível da ACIERA (Aliança Cristã de Igrejas

Evangélicas da República Argentina). A ACIERA congrega atualmente a maioria das igrejas e organizações evangélicas e pentecostais na Argentina, entre as quais a “Hermanos Libres”, onde se filiam originariamente a família Hotton. O perfil das igrejas afiliadas a ACIERA corresponde, em grande parte, à caracterização estabelecida por Wynarczyk (2006) como um “pólo conservador bíblico”, ou seja, comunidades religiosas com uma posição conservadora em questões vinculadas à moral sexual, saúde reprodutiva e bioética, e com uma teologia partidária que faz uma interpretação a-histórica dos textos bíblicos. Entre as atividades mais destacadas de Arturo Hotton no interior do campo evangélico encontra-se seu envolvimento no projeto da ACIERA denominado “Pasando la antorcha”. Trata-se de uma organização composta majoritariamente por pastores e dirigentes com menos de 40 anos de todo o país, cujo objetivo é o atravessamento inter-regional dos valores evangélicos, ao mesmo tempo em que propicia a participação das novas camadas de líderes em diferentes espaços “seculares”, como a esfera política. Esta abertura constitui para

Wynarczyk (2006) a passagem de um marco interpretativo dualista negativo em relação à política, para um outro positivo, que se traduz na consideração desta dimensão de *práxis* humana como um espaço necessário para a mudança social, abandonando a consideração do político como “pecaminoso” em si mesmo. O programa “Pasando la antorcha” procura motivar seus participantes a levar seus valores e princípios religiosos aos campos “seculares”, sendo, o “Sal e luz do mundo”. Esta lógica de inserção de grupos religiosos no território do político, para expressar ali sua voz e intervir em decisões públicas, pode ser considerada como o que Casanova (1999) chama de processo de “desprivatização” da religião nos processos de secularização modernos. Como expoente desta perspectiva, em 2003, Arturo Hotton se relacionou estreitamente com o Recrear³ e seu principal personagem, Ricardo López Murphy. A partir desta relação política, Arturo Hotton se postulou como candidato a vice-governador pela província de Buenos Aires, junto com Hernán Lombardi. A fórmula obteve o 7º lugar com 3,97% dos votos emitidos (Pulso Cristiano 02. 09/10/2003).

À luz deste contexto descrito, podemos afirmar que Cynthia Hotton nasce no seio de uma família com uma alta participação tanto no campo religioso como no político, um aspecto nodal em sua própria trajetória política. Tal como alude Campos Machado (2006) para o caso das deputadas evangélicas no Rio de Janeiro, a ascendência política e religiosa familiar guarda uma incidência gravitacional na inserção de mulheres evangélicas na política, posto que redundando em um capital social e cultural vital. A própria Cynthia Hotton confirmou a importância da figura de seu pai em sua carreira política, numa entrevista recente: *“Papai (...) me falou que como cristãos tem que ser sal e luz na sociedade, e que ele sentia um grande compromisso, desde jovem, em trabalhar no setor público, de servir à pátria”* (Pulso Cristiano, 19/06/2009).

Seguindo intimamente os passos de seu pai, já desde jovem, formando-se profissionalmente, Cynthia Hotton participou ativamente no campo evangélico, dando conferências sobre participação de evangélicos na política e colaborando no programa e nas reuniões do projeto “Pasando la Antorcha”. Em 2003 ingressou no partido Recrear e

disputou um cargo de legisladora provincial, não obtendo, entretanto, êxito eleitoral.

Segundo seu próprio relato, seu começo no Recrear se relacionou com uma conscientização pessoal sobre a crise de 2001⁴ (concebida por Cynthia Hotton como uma “crise de valores”) e a oportunidade que esse momento dava para poder participar:

“Quando a política enfrentava sua pior crise, eu senti a necessidade de participar, e elegi o Recrear porque representava os valores éticos e a excelência na gestão pública com os quais me identificava”. (Notícias Cristianas, 10/10/2007).

Minha vocação para participar na política nasce em 2001, com todo o tema do “cacerolazo”⁵. Aí senti a necessidade de mexer-me e ser sal e luz. Faz 6 anos que milito e elegi um partido pequeno porque seu líder permitia expressar-me e ser quem eu era. Escolhi López Murphy. (Notas de campo, encontro de dirigentes evangélicos na Igreja Evangélica Danesa, abril de 2008).

No interior do Recrear, Cynthia Hotton encabeçou o “Grupo de Mulheres”, constituindo-se como uma

das principais referências do “Encontro Permanente de Mulheres”, que é um espaço multipartidário (surgido em março de 2007) que busca o estabelecimento de um diálogo pluripartidário, segundo suas palavras: “... *um espaço para fazer pontes e gerar diálogo...*” (Idem, 08/03/2007). O Encontro Permanente de Mulheres organizou múltiplos encontros convidando candidatos e dirigentes políticos para debates. O primeiro encontro, destinado a debater o lugar da mulher na política, aconteceu no Hotel Rochester em 8 de março de 2007, onde participaram dirigentes políticos, como Francisco de Narváez, Margarida Stolbizer, Ricardo López Murphy, Alejandra Oviedo e Paula Bertol.

Nos anos seguintes, sua presença pública aumentou consideravelmente. Segundo a informação dos meios de comunicação evangélicos, Pulso Cristiano e El Puente, durante o período de 2004 até sua eleição como deputada em 2007, Cynthia Hotton desenvolveu uma participação ativa no interior do campo evangélico. Fez isso por intermédio do Encontro Permanente de Mulheres, que logrou a atenção de alguns meios pela presença de renomados candidatos e funcionários.

Deste modo, foi significativa sua visibilidade virtual através de meios digitais (Pulso Cristiano y El Puente), pelos quais se comunicava constantemente com evangélicos, ao mesmo tempo em que estabelecia um positivo *feedback* com tais meios. Pulso Cristiano, por exemplo, publicou e difundiu no mencionado período, atividades que paralelamente Cynthia começava a realizar em relação ao lugar da mulher como parte do partido Recrear.

Paralelamente, vale à pena destacar seu lugar de organização nos grupos de orações desde 2004 e que continuará durante sua atividade como deputada e até a atualidade: “*Começamos com alguns chefes de distintos partidos, aos quais foram sendo somados alguns empresários*” (Página 12, 23/04/2008). Apresentou-se novamente como candidata a Deputada Provincial pela Província de Buenos Aires e como parte de Recrear em 2005, obtendo 2,11% (Junta Electoral, Poder Judicial de la Nación, 17/09/2009); no contexto das eleições gerais de 2007 se integra à aliança selada entre o partido Recrear e o PRO, partido liderado por Mauricio Macri, cuja popularidade crescia na Cidade de Buenos Aires. No

acordo estabelecido por ambos partidos em nível legislativo nacional, Cynthia Hotton ocupou o lugar de segunda candidata a deputada nacional, atrás do chefe do bloco legislativo do PRO, Federico Pinedo. Cabe destacar que se tratou de uma negociação sumamente conflituosa entre ambos os grupos, considerando que na província de Buenos Aires ambas as estruturas partidárias se apresentavam nos comícios separadamente, com candidatos próprios. Como hipóteses, podemos conjecturar que a eleição de Hotton como candidata se encontra relacionada, por um lado, com a Lei de Cota Feminina (que estabelece um mínimo de mulheres na Câmara e na composição das listas) e por outro lado, com o contexto dos próprios comícios, que contaram com um marcado protagonismo das mulheres, no que respeita a competência eleitoral⁶. Nos meses prévios à mencionada eleição, Cynthia Hotton realizou uma forte campanha do interior do campo evangélico, chamando os “irmãos” da comunidade evangélica para afiliar-se ao Recrear para ganhar a prévia partidária (nisso, inclusive, através de listas de e-mail) como também visitando com Mauricio Macri

(principal referência do PRO) uma igreja evangélica (Pulso Cristiano, 07/08/2007). Em plena campanha, a futura deputada evangélica prometeu “*levar os valores cristãos evangélicos ao Congresso*” (Página 12, 15/10/2007), instalando em sua agenda a temática da defesa da vida desde a concepção. Em 28 de outubro de 2007, aconteceram comícios em todo o país. O PRO obteve 7,9% dos votos na Capital Federal, o que levou Cynthia Hotton ao Congresso nacional.

Como conclusão provisória da análise desta trajetória, consideramos importante ressaltar que a eleição de Cynthia Hotton ao parlamento não expressa uma pressão emergente da comunidade evangélica, desejosa em ter um representante nos espaços de poder. Tão pouco é o resultado de um processo de formação de líderes altamente profissionalizados, desenvolvido por igrejas evangélicas que procuram posicionar-se politicamente visando obter benefícios corporativos. Como bem mostram os estudos de Campos Machado (2006) e Silveira Campos (2005), este seria um cenário político-religioso factível no Brasil, mas não na Argentina, onde a densidade política das pertencas religiosas não se traduz

necessariamente no coeficiente eleitoral, a menos que possua um peso gravitacional em outras formas de intercâmbios de legitimidade entre atores políticos e religiosos (Cfr. Mallimaci y Béliveau, 2007). Para nós, a inserção política de Hotton se funda numa conjunção de vários fatores, provenientes de diversos espaços de socialização. A figura de seu pai é chave para entender o caminho político da futura deputada: seus contatos com o mundo da política a partir de seu lugar como diplomática ajudaram a trajetória política de Cynthia Hotton, ao ponto desta seguir fielmente seus passos no âmbito profissional, como na escolha do espaço político na qual iniciaria carreira. Paralelamente, consideramos que a relevância de Arturo Hotton como referência no campo evangélico, antes que proporcionar à sua filha um capital político concreto, “a mobilização de todos os evangélicos em torno de sua candidatura”, a proporcionou um modelo de ação no espaço público, que guarda não poucas afinidades com os critérios evangélicos vigentes, no que diz respeito à relação com o político. Sua formação intelectual distinta, os contatos que brindou, somado à já mencionada ascendência familiar,

distanciam a trajetória de Hotton de outras modalidades de participação evangélica na política. Nos referimos pontualmente aos pastores de comunidades pentecostais pequenas e médias no Conurbado Bonaerense, cujo principal capital político reside em sua inserção territorial em bairros populares e no trabalho social por eles empregado, que habilita sua articulação com outros atores políticos (Cfr Carbonelli, 2009). Enquanto estes contam com o domínio territorial como principal ferramenta de negociação e construção política, Cynthia Hotton se valia de seu perfil religioso e de seu discurso centrado na ética e nos valores para atrair os dirigentes partidários interessados tanto numa imagem de candidata afastada da “velha política” e da corrupção, mas que ao mesmo tempo podia, potencialmente, mobilizar seu grupo religioso de pertencimento. Como hipóteses, consideramos que a presença institucional da família Hotton na ACIERA e as ações efetuadas pela futura deputada no campo evangélico proporcionavam sua condição política. Como veremos, os elementos modulares do perfil religioso de Cynthia Hotton não apenas continuam em sua atividade legislativa, mas também proporcionam

o devir de sua trajetória política, que alcança seu ponto mais notório com a formação de seu próprio espaço político e bloco parlamentar, “Valores para meu País”.

VALORES PARA MEU PAÍS: UMA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA COM RAÍZES EVANGÉLICAS.

A compreensão analítica da emergência constitutiva e desenvolvimento no âmbito partidário do “Valores para meu País” (VPMP) deriva na caracterização das intervenções e discursos da deputada Cynthia Hotton, ideóloga e vetor cardinal das atividades deste grupo político.

Desde sua posse em outubro de 2007, ela exhibe um perfil decididamente religioso, se autodenominando como deputada evangélica e se posicionando politicamente frente a questões de extrema sensibilidade para certos grupos religiosos. Para ela: “*os partidos políticos não te definem ideologicamente, por isso hoje, o que me define politicamente é minha identidade evangélica*”. Em consonância com esta perspectiva, a deputada tem defendido um posicionamento contrário ao

reconhecimento legal para casais homossexuais. Na sessão de 27 de agosto de 2008 da Comissão da Família, Mulher, Criança e Adolescência respaldou o posicionamento contrário do deputado Hugo Acuña (também evangélico) ao programa de extensão de benefícios de obras sociais a casais homossexuais. A deputada afirma que sua posição era a de “*defender a ordem estabelecida por Deus para a família*” (Pulso Cristiano, 4/09/2008). Durante o ano de 2010, quando se debatia no parlamento a reforma do código civil que reconhecia o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo, Cynthia Hotton se constituiu em uma das figuras políticas mais visíveis entre as que encabeçaram a oposição a esta iniciativa, argumentando em colunas de jornais e revistas e através da participação em programas televisivos, que a legalização do matrimônio homossexual representava uma transgressão à “ordem natural”.

Em torno dos debates sobre a descriminalização do aborto na Argentina, Cynthia Hotton procurou cristalizar seus valores e postulados religiosos, obstaculizando os projetos provenientes dos partidos de esquerda e de centro-esquerda. Tal como expressou

em uma entrevista concedida ao jornal *Crítica*: *“Há posições que nascem da tua convicção religiosa (...) da minha convicção cristã parto da base de que temos que defender a vida e que a vida começa na concepção”* (Idem., 8/12/08).

Finalmente, entre suas ações legislativas mais destacadas se encontra a promoção de um novo projeto de Lei de Cultos na Argentina. Este último empreendimento legislativo se sustenta na principal reclamação histórica da comunidade evangélica ao Estado Argentino (Wynarczyk, 2003), que alcançou seus principais índices de mobilização durante a década de 90 e princípios do novo século. O projeto apresentado pela deputada Hotton conserva os pontos básicos de um anteprojeto aprovado pela Secretaria de Cultos, dirigentes evangélicos e um setor do CEA (Conferência Episcopal Argentina), em 2001. Mantendo intacta a posição diferencial da Igreja Católica no campo religioso, propõem criar a pessoa jurídica “religiosa” para o resto das confissões e agilizar os trâmites de inscrições ao Registro Nacional de Cultos e incluir benefícios fiscais para as comunidades religiosas (Wynarczyk, 2003:154). A esta se agrega a criação de

uma figura penal, orientada a penalização de todos aqueles que agredirem ou injuriarem um líder religioso. O mencionado projeto sobre uma nova lei de cultos está sendo tratado pela comissão de Relações Exteriores e Cultos da Câmara dos Deputados da Nação no presente semestre, e é possível que obtenha uma definição no próximo ciclo parlamentar.

Nas ações orientadas para obter benefícios para sua comunidade de referência no espaço público, Cynthia Hotton é peça chave, seja na organização da visita do pregador Luis Palau à Argentina (Carbonelli, Mosqueira, 2008), seja promovendo na Câmara de Deputados a declaração de interesse público do programa evangélico de reabilitação para dependentes de drogas, “Vida”, ou na campanha da igreja batista “Argentina contá conmigo” (Honorable Cámara de Diputados de la Nación, 2009). Também tem impulsionado a formação de espaços de oração ecumênicos para deputados cristãos (Cf *Crítica de la Argentina*, 08/12/2008).

O VPMP, enquanto espaço político orquestrado pela deputada Hotton, começa a organizar-se em novembro de 2008, a partir de uma série

de reuniões realizadas no Hotel Rochester, propriedade do esposo da legisladora evangélica, o empresário Julio Duedoc. A convocatória para elas foi motorizada pela própria deputada e sua equipe de assessores parlamentares (todos evangélicos).

Sua figura foi continuamente realçada e estabelecida como referência em cada uma das reuniões preparatórias do VPMP, e finalmente, no seu lançamento político (março de 2009), ocupou o lugar de oradora principal. Diante da onipresença da deputada na organização, sua atual equipe de assessores coordena cada um dos grupos de trabalho da VPMP, e seu esposo ocupa um lugar preponderante neste empreendimento político.

Segundo as próprias palavras do núcleo dirigente, a visão primordial do VPMP consiste em “Ser Sal e Luz, sendo espaços que possam colocar os princípios cristãos em qualquer âmbito, incluindo a política”. O propósito manifesto deste grupo consiste em permeiar as estruturas partidárias para influir na sociedade mediante a transmissão de valores cristãos. A estratégia dirigente aponta então para a potencialização da participação política dos cristãos a partir de qualquer partido

político, posto que o objetivo chave reside em ocupar espaços de decisão para ali defender e promover valores como a defesa da vida em suas múltiplas concepções. Esta lógica de organização intermediária dirigente proclama o VPMP como um espaço plural, em termos ideológicos, pois cada membro estaria habilitado para eleger livremente seu lugar de influência dentro da opção política com a qual se identifica. Nas palavras da deputada:

“A Bíblia pode ser lida na direita ou na esquerda, na Igreja estão os que se aproximam da teologia da libertação e são mais de esquerda, e os que se identificam com a teologia da prosperidade e são mais de direita. O importante é que todos lemos a Bíblia e temos os mesmos valores” (Nota de Campo, VPMP, Hotel Rochester, 29/11/2008).

O lema do VPMP pode ser sintetizado na seguinte expressão: “Nos unimos nos valores, não nos separam os partidos políticos”. À luz deste pensamento, o VPMP configura uma visão da política intensamente permeada por um discurso ético-religioso, onde o campo político é percebido como um espaço corrupto que é preciso “redimir”, mediante a intervenção “purificadora”

de grupos cristãos-evangélicos⁷, entendidos como a reserva moral da sociedade. Tanto nas reuniões organizativas como na apresentação do grupo, não foram explicitados objetivos políticos ligados particularmente à comunidade evangélica. Pelo contrário, em sintonia com uma matriz de pensamento plural, se enfatizou a participação de católicos comprometidos e membros de outras confissões afins, com os interesses que se propunha defender na esfera pública. A própria deputada insistiu em repetidas ocasiões que ela não é “a representante” dos evangélicos, e que não se deve confundir o VPMP com a igreja evangélica, afirmação que se trata de dois terrenos distintos e que implicam diferentes regras e formas de ação. Não obstante, em não poucas reuniões se exaltou o caráter imperioso da introdução de evangélicos na política, argumentando que apesar de seu extenso e reconhecido trabalho social, ainda são inconsultos em matéria legislativa, onde avançam “contravalores” da sociedade. Analogamente, a indefinição se trasladou para a identidade política do agrupamento, já que se enfatizou nos encontros que se tratava de um espaço

plural e transversal, não identificado com o PRO, apesar de estarem presentes figuras seletas do espectro político, sobretudo de Pinedo e Gabriela Michetti. Julio Cobos participou de uma das reuniões prévias e enviou uma menção de adesão ao evento. Desta maneira, consideramos que se estabelece no interior desta experiência política uma tensão dupla, evidenciada, por um lado, no esforço manifesto de não exibir uma característica excessivamente religiosa, enquanto procurava se nutrir de militantes ligados às igrejas, para ocupar espaços de poder. Por outro lado, procurava não ter nem desejar uma definição política e ideológica concreta, mas ostentando vínculos com atores pertencentes ao mesmo partido da deputada, desconsertando certos participantes de trajetórias partidárias múltiplas. No concernente ao ato de lançamento celerado em março de 2009, sua principal premissa consistiu em demonstrar (ante o resto da sociedade, e, sobretudo, diante da lente amplificadora das mídias), quanta gente se mobilizava.

“Hoje estamos assistindo a uma grande festa cívica, porque todos vocês vieram por vontade

própria, todos vocês fizeram um grande esforço para estar aqui e eu creio que vocês são os protagonistas (...) Agora se perguntam porque VPMP, os valores que hoje reclamam a sociedade argentina, os valores que nós também entendemos que fazem falta à política e por isso entramos nesse espaço. Aqui vejo mães, pais, vejo empresários, dirigentes e todos vocês querem se comprometer de alguma maneira, bem, hoje estamos aqui todos unidos concordando com estas ideias, concordando com estes pensamentos e não somos poucos, somos muitos, somos milhões de argentinos e todos juntos vamos edificar um país distinto” (Nota de campo, Lançamento oficial do VPMP, 31/03/2009)

Esta estratégia não constitui um dado menor, porque comunga uma racionalidade quantitativa da *práxis* política à qual aderem os políticos em geral, mas também não poucos grupos religiosos que visam influir politicamente. Demonstrar “ser muitos”, mobilizar um grande número de militantes (neste caso “fiéis”), remete hipoteticamente a um capital político que habilita uma negociação futura com o Estado, com os partidos e com os demais grupos religiosos.

Logo apresentada, as ações públicas do VPMP se articularam com a agenda política demarcada pela

produção legislativa da deputada Hotton, agregando em cada intervenção alusões em torno da necessidade de valores, na política e na sociedade. Nesta perspectiva, a deputada incentivou os militantes de seu espaço político a participarem das mobilizações e pronunciamentos programados para expressar publicamente a aversão a iniciativas políticas, jurídicas e sociais que se colocavam no sentido contrário do ideário da “defesa da vida e da família”. A convocatória às marchas inter-religiosas pelo lema “queremos mamãe e papai para nossos filhos”, que orientava publicamente a recusa do matrimônio entre casais do mesmo sexo, constituiu um reflexo destes posicionamentos e manobras de mobilização.

Tal como difundido dentro de seu espaço político-religioso, a deputada Hotton incentivou a postulação de membros do VPMP como candidatos nas eleições parlamentares de outubro de 2009. Dois foram os casos mais visíveis: o de Marcos Holding Olsson, eleito conselheiro em San Isidro e do pastor Christian Grillo, secretário da deputada.

A negativa da cúpula dirigente do PRO em aceitar a candidatura deste

último como legislador portenho foi o início de um distanciamento progressivo da deputada de seu partido. Para Hotton, a postulação de Grillo era chave, posto que significava “garantir nossa visão na legislatura portenha” (nota de campo, reunião de avaliação do VPMP no hotel Rochester 6/08/2009). A *posteriori*, numa nova reunião de trabalho do VPMP, Hotton revelava-se importunada porque a assessoria de Gabriela Michetti, vice-chefe do governo da cidade de Buenos Aires, no evento da Federação de Box suspendeu a eliminação de qualquer alusão ao tema do aborto, por tratar-se de um tema controverso “fora da agenda de campanha”. Finalmente, o forte respaldo de legisladores portenhos do PRO a leis favoráveis à homossexualidade terminou fazendo com que saísse do bloco de legisladores do PRO na Câmara dos Deputados, e a formação de seu próprio monobloco: Valores para meu País.

O peso das divergências entre a deputada evangélica e o partido transparece na seguinte declaração da deputada:

“Para mim, o discurso da vida é minha coluna vertebral. O PRO não manifestou

nenhum interesse nesse ponto. Por isso decidi armar o monobloco (...) Sigo trabalhando muito com o bloco de deputados do PRO, [mas] tenho minha agenda, tenho temas que me definem: defesa da vida, o dizer não as drogas. Me disseram que com isso ou eu vou me dar bem ou me dar mal. Mas eu digo: eu vou estar 4 anos no Congresso e não sei se vou estar depois. Mas o importante é que tenho que deixar marcas” (Nota de campo, reunião de avaliação do VPMP, hotel Rochester, 06/08/2009)

Este ponto de quebra com a estrutura partidária revela a preeminência adquirida pelos valores e metas religiosas no que se refere à projeção da deputada Hotton no espaço político. Paralelamente, a decisão tomada pela legisladora evangélica emancipou temporariamente o VPMP de filiações partidárias, e o habilitou a construir seu próprio itinerário, assumindo os riscos que tal responsabilidade acarreta.

De cara, aos debates parlamentares presentes aos comícios gerais de 2001, o dever político do VPMP se revela como um manto de incertezas. É por isso que neste ponto de nosso trabalho propomos dirigir nosso olhar até o interior deste grupo, onde a partir da análise das ações da equipe

“juventude”, indagaremos o aparecimento de tensões de impacto na vida organizativa do grupo.

SENTIDO E PRÁXIS MILITANTE DA EQUIPE “JUVENTUDE” DO “VALORES PARA MEU PAÍS”.

Tal como mencionávamos, o VPMP está estruturado ao redor da figura da Deputada Hotton. Contudo, formalmente, este espaço apresenta uma organização interna pretendidamente horizontal, que nucleia a atividade militante mediante diversos grupos de trabalho⁸, entre os quais se concentra a equipe “juventude”.

Durante nossa etnografia, detivemos a atenção nesta equipe de trabalho, pois além de ser um dos mais concorridos e ativos, observávamos que a partir deste grupo se exercia uma interpelação até a cúpula, digna de ser registrada e aprofundada. Desse modo, penetramos nas bases para oferecer um contraponto ao setor dirigente, pois ao penetrar no sentido e na *práxis* do sujeito-militante, fomos encontrando indícios que nos permitiram complexificar e enriquecer a análise do conjunto. Tendo por norte esse objetivo, efetuamos entrevistas em profundidade com os jovens militantes e observação

participante em reuniões organizadas, tanto dentro como fora da agenda do VPMP. Realizamos também uma etnografia virtual, seguindo de perto a interação juvenil em fóruns de discussão *on line* e em redes sociais (Facebook), oferecidas e articuladas pelo VPMP.

A equipe “juventude” estava liderada por Marcos Hilding Ohlsson, evangélico confesso, economista e assessor pessoal da deputada Hotton. O jovem líder, em sintonia com o discurso dirigente, associa sua aproximação da atividade política com sua “forte vocação de serviço ao próximo” e apresenta uma trajetória que desemboca em sua candidatura a conselheiro pelo município de San Isidro para as eleições de junho de 2009, através do partido “Convocación Ciudadana”, vinculado com o UNION-PRO.

A base militante do grupo “juventude”, em seu início, era de aproximadamente 30 membros, quantidade que foi diluindo à medida que aumentavam as tensões com a cúpula dirigente. A idade dos militantes oscilava entre 18 e 30 anos, a maioria estudantes universitários, especialmente ciências políticas e direito. Definem-se como “cristão-evangélicos”,

manifestando ter uma participação ativa⁹ no interior da comunidade religiosa. Em relação às suas trajetórias, se observa que, a maioria registrava alguma experiência de participação política seja no âmbito partidário – para alguns jovens, essa era sua primeira inserção política. Assim, é importante colocar em relevo que em nenhum dos casos se registrou participação política familiar.

A respeito das motivações que impulsionavam esses jovens para a atividade política, emergiu em seus discursos certa “afinidade” com a proposta do setor dirigente que colocava para os jovens a ideia de que o espaço político era um espaço corrompido, mas que também era um meio propício para “afetar a sociedade” uma vez que se tornasse um espaço de “transmissões de valores cristãos”.

E: Me parece que se tivermos muitos evangélicos na política poderíamos dar alguma contribuição, não como grupo de pressão, mas como pessoas [...]

I: Qual a contribuição?

E: Honestidade, transparência, valores [...]um sopro de ar fresco na política. Me parece que tem muita gente que tem suspeita e faltando gente nova com determinados valores [...] mas não somente em relação a posições acerca da família, mas

também em relação à recuperação da função da política, que depois de um tipo como Menem¹⁰ deve levar uns 20 anos de *laburo*¹¹ para recuperar (Ariel, militante de VPMP, entrevista pessoal).

Eu quero ser político num sentido mais amplo. Minha meta, verdadeiramente, é afetar a sociedade (Facundo, militante de VPMP, entrevista pessoal).

Este estímulo à participação política dos jovens tem suas raízes na orientação cristã para o “mundo” amplamente difundida no interior dos circuitos cristãos destinados à juventude. Em nosso trabalho etnográfico, pudemos detectar a configuração de todo um discurso orquestrado em torno do jovem como sujeito da mudança social. Permanentemente, são interpelados/as a “serem pessoas relevantes na sociedade”, o que supõe uma contínua capacitação do sujeito com a finalidade de alcançar espaços de autoridade nas esferas de poder da sociedade e a partir daí tentar introjetar valores cristãos e “redimir” a sociedade.

Esta construção dos/as jovens como sujeitos da mudança social no discurso dos dirigentes evangélicos foi capitalizada pelo VPMP para convocá-los à mobilização e apresentá-los como

o “motor da atitude política”. Como exemplo disso podemos citar a divulgação do lançamento do VPMP, onde era colocada uma fotografia de Hotton junto a vários jovens que portavam placas com nomes de crianças não nascidas¹².

Este projeto compartilhado entre a cúpula do VPMP e a equipe “juventude” de afetar a sociedade mediante a transmissão de valores cristãos, não foi suficiente para aplacar as tensões que emergiram entre ambos os pólos do espaço político-religioso.

Um dos conflitos centrais girou em torno do lugar que devia ocupar a equipe jovem no interior da estrutura do espaço político-religioso. Embora os dirigentes lhes designassem discursivamente um lugar central no movimento, em termos práticos, lhes delegaram tarefas menores que foram percebidas pelos jovens militantes como dissonantes com esse lugar central.

Durante a campanha de lançamento do VPMP, os jovens ficavam encarregados da tarefa de realizar a distribuição de panfletos para divulgação do evento, tarefa que foi rechaçada pela equipe e no ato propriamente dito tiveram que ajudar como recepcionistas, tendo que ser

“amáveis e cálidos” à atividade a eles destinada, distribuindo panfletos com os “valores” pregados pelo movimento.

Apesar deste papel menor, designado pela direção do VPMP, os jovens militantes foram uma peça chave do ato de lançamento, pois, pela sua mobilização, se obteve tanto a doação do material de som e iluminação utilizado no evento, quanto uma importante parte do público presente, que foram convidados (tanto “cara a cara”, como virtualmente) através de suas redes sociais (especialmente em suas Igrejas).

Do mesmo modo, durante a organização do evento, do grupo “juventude” emergiram diversas propostas performáticas que tendiam a imprimir ao lançamento do VPMP um formato horizontal. A proposta de maior consenso no interior da equipe foi a necessidade de negar um espaço *VIP* para as personalidades relevantes, pois os jovens concordavam com a ideia de que um dos “valores” que deveria ser pregado era o de “igualdade”. Esta proposta foi automaticamente ambicionada pelos dirigentes:

“Os jovens me disseram bastante coisa que agora lhes direi: eles afirmam que somos todos iguais e é por isso que no

evento não deveria haver um setor VIP ... Como veem, me intero de tudo, porque tem um coordenador que me conta tudo, sou eu que mais os escuta ... Então a pergunta é assim: ‘se somos todos iguais, porque tem que haver uma área VIP?’. Bem, vou lhes dizer: para os meios de comunicação é muito importante ver onde estão [determinadas pessoas], e não verão nem dez deputados se estes estiverem espalhados pela multidão e nem nós veremos se ali se encontram algum religioso ou pastor, pois ao invés de estarem concentrados em algum lugar, estão disperso pela multidão. (Cynthia Hotton, en reunión de trabajo de VPMP, nota de campo 12 de Marzo de 2009).

Como podemos observar, este relato evidencia que os sentidos da participação política tomaram traços contrapostos seja para a militância juvenil, seja para a cúpula dirigente. De fato, embora a direção obstruísse as propostas e iniciativas juvenis, para os jovens, o VPMP se configurava como um espaço que requeria uma participação ativa nas decisões e debates acerca do conteúdo político e ideológico. Neste sentido, outra tensão se centrou na necessidade de obter consenso acerca dos “valores” que o VPMP deveria transmitir para a sociedade:

“Nos dizem que temos que demonstrar que na política um pode ser diferente, ok ... mas qual o problema? Não pensam que a diferença se faz através de políticas concretas e pensam que maturidade política se dá através da posição favorável ou não ao aborto ... como político não pode dar visões da vida”. (Facundo, militante de VPMP, entrevista personal).

Nas sucessivas reuniões se colocava a necessidade de debater no VPMP a separação entre o que considerava atitude da igreja e atitude do político. Nesta linha, demandava capacitação política para os fiéis cristãos das igrejas, tal e como propunham a cúpula. Ante a passividade da direção em torno desse tema, a equipe “juventude” armou seu único projeto: “Oficina de desenvolvimento”. Esta iniciativa não foi submetida ao consenso do movimento político-religioso, nem à sua direção.

“Na última reunião do grupo de juventude concordamos que nossa comunidade conta, em média, com falta de experiência, conhecimento e meios para desenvolver o debate político. Considerações à parte, tomamos a decisão de conformar um grupo para desenvolver uma série de oficinas para o desenvolvimento político. A ideia é poder armar um conjunto de conhecimentos

elementares: constitucionalismo, conceitos como república, democracia, federalismo, processos eleitorais [...] Em resumo, a meta seria poder oferecer um serviço de excelência que nos forme e nos deixe a par, permitindo que conheçamos e afetemos nossa sociedade (tomado do foro de discussão VPMP, 2 de marzo de 2009).

Estas tensões começam a revelar uma contradição intrínseca que o espaço político-religioso coloca para os jovens. Nas sucessivas reuniões, manifestavam que eles estavam no movimento para participarem politicamente e por isso necessitavam que o VPMP funcionasse politicamente, isto é, que abrisse canais de representação, que democratizasse as decisões e que destinasse espaços de debate que permitissem um projeto e uma postura ideológica.

“Um agrupamento político não é um clube, é um grupo de poder, um capital político, uma força de peso no âmbito partidário. Entregar os efeitos do poder resultante de nossa união à vontade de uns não resulta, a meu critério, uma sensata decisão. [...] Não é preciso que o edifício desabe para saber se foi mal construído. Por isso tem gente que estuda, que se prepara, que pensa, que reflete. [...] Justamente, como creio que todos estamos aprendendo, me parece que uma democratização

das decisões e uma estrutura mais clara ajudaria a evitar o caos. [...] Este é um grupo político e como tal requer regras, debates, consensos. É triste ver que nosso esforço não tem visto outro norte além daquele que está sendo traçado [...] Talvez falte aos cristãos entender muitas coisas do funcionamento das estruturas políticas. [...] A política requer leões, não ovelhas” (ambos devem coexistir no cristão) (tomado do foro de discussão do VPMP, 3 de abril 2009).

Como se pode observar, os jovens começam a manifestar publicamente um crescente mal-estar em torno do personalismo da deputada Hotton, à verticalidade da tomada das decisões e a vagueza do projeto delineado:

“Não podemos observar um desenvolvimento autônomo das oficinas de trabalho, ao menos no nosso. Entretanto, os que compõem o grupo de trabalho com a juventude (notem que não somos ‘o grupo de jovens’) estamos procurando ter reuniões com certa frequência e trabalhar os temas que cremos convenientes. O VPMP termina sendo uma das enteléquias mais interessantes que têm aflorado nos últimos tempos. Capaz de mudar o país ou de gerar um novo híbrido populista e demagógico (por seu funcionamento, não por seus princípios necessariamente), este é um projeto no qual,

como cristãos, não nos podemos desentender. Pela primera vez na história, vamos ter que pensar e pensar muito. Não podemos nos dar ao luxo de nos equivocarmos neste projeto” (tomado do foro de discussão do VPMP, 3 de abril de 2009).

Posto que suas insistentes reclamações, tanto nas reuniões de trabalho como nos fóruns virtuais de decisões, não eram atendidos pela direção do VPMP, a equipe “juventude” foi sucessivamente perdendo membros, suspeitando que o VPMP era um “artifício” de Hotton, visto que estavam próximas as eleições legislativas (junho de 2009). Para os jovens, a deputada tinha a finalidade de mostrar, no interior do PRO, sua capacidade de articular a potencialidade política da comunidade evangélica e desta maneira acumular um capital político suficiente que lhe permitiria indicar para a lista de seu partido político, um candidato de sua base. Tal suspeita se confirmou na reunião posterior ao lançamento do VPMP, quando Hotton incumbiu à militância a tarefa de organizar a campanha de Christian Grillo, chefe de seu gabinete. Nesta reunião, enquanto a deputada anunciava a candidatura de Grillo e as outras equipes de trabalho comemoravam o lançamento da

campanha, na mesa que congregava os jovens houve irritação e descontentamento. Debateram e decidiram pedir o microfone para rechaçar a decisão de Hotton:

“Cynthia, os jovens querem fazer uma pergunta: Quem é Christian Grillo? Que propostas tem? Porque seria bom que o conheçamos, que conheçamos suas propostas antes de sairmos para pregar cartazes e fazer campanha para ele. Além disso, consideramos que a escolha do candidato deveria ser feita internamente (Nota de campo, reunião de trabalho do VPMP, 16 de abril de 2009).

Ante estas palavras, Hotton respondeu: “Christian é uma pessoa que eu conheço muito (...) o importante é que eu confio nele e temos que apoiá-lo”. Frente a esta nova imposição, os jovens manifestaram o não apoio à candidatura de Grillo porque “do ponto de vista cívico é como conhecer o candidato e não votar simplesmente porque é evangélico”.

Apesar do rechaço da equipe “juventude”, a candidatura de Grillo seguiu seu curso. Isto gerou um crescente mal-estar que desembocou no pedido, por parte dos jovens, de uma reunião formal com Hotton, em seu gabinete na Câmara de deputados.

Reunião que lhes foi concedida em 12 de junho de 2009, onde participaram quatro dos membros mais ativos da equipe e Olhsson. Em uma entrevista posterior, um dos jovens presentes nessa reunião relatou:

“A ideia [da reunião] era questionar Cynthia sobre o porque se tomavam decisões apenas no âmbito da cúpula e porque os outros não participavam, a ideia era mostrar que o espaço havia se politizado e se democratizado [...] Foi muito bom porque lhe falamos exatamente o que pensávamos e que não era simplesmente levar um ganho e pronto, isso foi detonante, não éramos um rebanho, lhe disse que o VPMP não é Igreja, é um partido político ou um agrupamento político... embora houvesse formas distintas de falar sobre isso, tínhamos um posição comum ... Cynthia [...] se sentiu atacada e nos disse que ‘eu dirijo o grupo, eu manejo as coisas, porque eu construí o espaço, queiram bem ou não’... e chegou um momento em que a tensão foi a um ponto tal [...] daí foi se perdendo a conexão entre juventude e VPMP, fizeram uma convocatória mas creio que não deveria ser nada [...] Eu lhe falei da participação, de escutar as propostas da juventude e também algo que me interessava muito e o discutimos nas reuniões de jovens, que era a formação política, para mim interessa muito a formação, a construção cívica” (Ramiro,

militante da equipe “juventude” do VPMP, entrevista pessoal).

Como se pode ver, essa reunião com Hotton foi o ato que marcou o ocaso da participação política juvenil no VPMP. Alguns dos membros mais ativos seguiram participando politicamente no interior de distintos partidos políticos seculares e outros voltaram para suas igrejas.

Para finalizar, delinearemos de modo preliminar, dois “tipos” de projetos pensados no interior da militância juvenil que, consideramos determinar o sentido de sua ação política.

De um lado, observamos a presença de sujeitos que apresentam uma identidade fortemente ancorada no “cristão” e, a partir dela, fazem um nexos significativo com a atividade política. Isto é, encontraram no espaço do VPMP e na figura de Hotton, um terreno híbrido capaz de estabelecer uma continuidade de sentido que lhes permitem traduzir, em termos religiosos, sua ação política:

“O VPMP é algo diferente, se relacionam duas coisas... uma que não gosto e outro que frequento... o cristianismo onde estou e a política que não gostava ... (...) como sou umas

das que sempre dizem ‘me meto nisso para transformá-lo para o Senhor’ e vi que Cynthia estava fazendo isso no Congresso... dizia ‘é meu’” (Sabrina, militante do VPMP, entrevista pessoal).

Por outro lado, detectamos a presença de sujeitos que se manifestam “cristãos a sua maneira”, que por diversos motivos se sentem distanciados da estrutura institucional e que contam com certa experiência e formação política a partir do trânsito por partidos e ONGs do âmbito secular. Estes sujeitos juvenis encontraram no VPMP, um canal propício mediante o qual podem traduzir à linguagem religiosa, conceitos próprios do âmbito político:

“Eu creio que o mais importante é formar o povo, formar o povo na política é ajudá-los em sua iniciativa política (...) o VPMP é algo muito forte porque vai ser a primeira de muitas libertações das Igrejas de si mesmas, porque lhes permite trazer o debate sobre a democratização das Igrejas” (Facundo, militante de VPMP, entrevista pessoal).

Ambos os lados, apesar da divergência no sentido de sua ação política, têm logrado harmonizar pontos de vista, desenhar projetos e apresentar interpelações conjuntas à cúpula do movimento.

PALAVRAS FINAIS

À luz dos argumentos apresentados neste estudo, a experiência do VPMP pode ser conceitualizada como um espaço polissêmico, configurado a partir da inter-relação entre sentidos pertencentes tanto à esfera política quanto à esfera religiosa. No interior desta lógica, a direção do VPMP procura construir canais de comunicação entre ambos os territórios, a fim de acumular recursos simbólicos que permitam cristalizar seu programa em âmbitos especificamente políticos, tais como o parlamento e a obtenção de cargos públicos. Ao mesmo tempo, seu ideário destaca valores universais, como a honestidade e a solidariedade, que nas intervenções no espaço público dão relevância àquelas propostas afiliadas a um corpus particularmente religioso (defesa da vida e da família), estabelecendo uma continuidade entre os valores originários do espaço religioso e as pautas da arena política, ainda que acentuando a preeminência moral dos primeiros.

Paralelamente, a atividade descrita conserva a produção de significantes vazios que geram

múltiplas ancoragens no nível subjetivo. Por esta razão, tem resultado valioso, em termos metodológicos, o exercício de contraposição entre as diferentes instâncias hierárquicas que compõem este movimento que tem revelado as tensões existentes entre o setor mais dinâmico, composto pelos jovens, e os projetos e as metas acordadas unilateralmente pela direção do VPMP: a deputada Hotton e seu corpo de assessores.

A partir desta caracterização, o VPMP se apresenta na esfera política da Argentina, desde o retorno da democracia. Se compararmos brevemente esta experiência com outras do passado recente, podemos vislumbrar um deslocamento estratégico organizacional importante. O primeiro movimento alude a uma nova modalidade de inserção por parte dos grupos evangélicos na política, que abandona a opção por um partido confessional com reivindicações próprias de uma minoria religiosa (Cfr Wynarczyk 2006), para assumir as regras do campo político, incluindo intentar valer-se das mesmas para posicionar-se a seu favor.

O segundo movimento remete a uma articulação do ator coletivo em

torno de uma figura saliente, cujo êxito pessoal representa o eixo a partir da qual se procuram estabelecer, não somente os passos a seguir, mas também o perfil de todo o movimento.

As características inerentes à ação política do VPMP resultam, paradoxalmente, os principais pontos de tensão no que concerne seu desenvolvimento organizativo. Na primeira instância, resulta sugestivo indagar acerca dos limites do personalismo gerado por esta modalidade de participação política, tendo em conta as tensões emergentes tanto no campo político como no religioso, algumas das quais foram mencionadas nesta oportunidade na ocasião da descrição das demandas efetuadas pela equipe “juventude” à direção do movimento. Por outro lado, consideramos importante refletir sobre até onde pode referir à sua definição como grupo político ou religioso, considerando fundamentalmente a pluralidade ideológica e religiosa que atravessa as filas de sua membresia atual e as perspectivas de sua projeção proselitista, uma vez separada de maneira radical da estrutura partidária do PRO.

Frente a estas interrogações, o VPMP ainda não possui indícios que permitam ser desvelados, pelo menos em curto prazo. Contudo, a resenha pautada neste trabalho nos permite inscrever este espaço como uma produção religiosa moderna, que articula em suas intervenções, elementos próprios do ideário sagrado, os quais não são confinados ao espaço exclusivo da vida íntima das comunidades religiosas, mas ao contrário, são exibidos na arena do político como frentes de uma nova modalidade de construção de ação e poder.

Abstract

This paper is an analytical approach to the emergence of politics and religious space called "Values for my country" (VPMP) which is articulated in the figure of the Evangelical deputy Cynthia Hotton, elected in the legislative elections of 2007 by party PRO (Republican proposal). The above-mentioned space is not the first, nor the only form of political participation of evangelical groups in the national political stage, but its particular organization, vision of politics and dynamics of activities warrants, in our view, a specific study.

To address this objective we will analyze tensions and agreements emerging within the political space, and their articulation with the evangelical community and the current political scene.

Keywords: evangelical- political participation- Argentina

Tradução: Carlos E. P. Procópio
Revisão: Wagner Silveira Rezende

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS MACHADO, M. *Política e Religião. A participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.

CARBONELLI, M. Desde el barrio: perspectivas acerca de la actividad política de pastores evangélicos en el Conurbano Bonaerense. *Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais E Religião*, Porto Alegre, año 11, n.11, 2009.

CARBONELLI, M. y MOSQUEIRA, M. “Luis Palau en la Argentina”: Construcción mediática del cuerpo evangélico, disputas por el espacio público y nuevas formas de territorialidad”, *Revista Enfoques*, vol. XX, n° 1-2, 2008.

CASANOVA, J. Religiones públicas en el mundo moderno, en Auyero, Javier (comp), *Caja de herramientas. El lugar de la cultura en la sociología latinoamericana*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1999.

MALLIMACI, F. y GIMÉNEZ BÉLIVEAU, V. Creencias e increencias en el Cono Sur de América: entre la religiosidad difusa, la pluralización del campo religioso y las relaciones con lo público y con lo político”, *Revista Argentina de Sociología*, Buenos Aires, vol.5, nº9, 2007.

____ “Las paradojas y las múltiples modernidades en Argentina”, en F. Mallimaci (comp.), *Modernidad, religión y memoria*, Buenos Aires, Colihue, 2008.

PACE, E. Políticas de Redención y Redención de la Política, *Ciencias Sociales y Religión/Ciencias Sociais e Religiao*, Porto Alegre, año 8, nº 8, 2006.

SEGATO, R. *La Nación y sus Otros. Raza, etnicidad y diversidad religiosa en los tiempos de Políticas de la Identidad*, Buenos Aires, Prometeo, 2007.

SILVEIRA CAMPOS, L. De ‘políticos evangélicos’ a ‘políticos de Cristo’: la trayectoria de las acciones y mentalidad política de los evangélicos brasileños en el paso del siglo XX al siglo XXI”, *Ciencias Sociales y Religión*. Porto Alegre, año7, nº7, 2005.

WYNARCZYK, H. Los evangélicos en la sociedad argentina, la libertad de cultos y la igualdad: dilemas de una modernidad tardía, en BOSCA, Roberto. *La Libertad Religiosa en la Argentina: aportes para una legislación*, Buenos Aires: CALIR: Honrad Adenauer Stiftung, 2003.

____ Partidos políticos conservadores bíblicos en la Argentina. Formación y ocaso 1991-2001, *Civitas*, Porto Alegre, vol. 6, nº 2, 2006.

Fontes

Diario *Clarín*, versión digital, disponible en www.clarin.com

Diario *La Nación*, versión digital, disponible en www.lanacion.com.ar

Diario *Página/12*, versión digital, disponible en www.pagina12.com.ar

Diario *Crítica de la Argentina*, disponible en www.criticadigital.com.ar

Periódico *Pulso Cristiano*, disponible en www.pulsocristiano.com.ar

Honorable Cámara de Diputados de la Nación, disponible en www.diputados.gob.ar

Agencia de noticias Noticia Cristiana, disponible en www.noticiacristiana.com

Diario *El Puente*. Nº 274, 277, 278 y 279.

NOTAS

¹ Proposta Republicana (PRO) é um partido político de tendência liberal e ideologicamente vinculado à direita, que emergiu em 2005 como resultado de uma aliança. Atualmente é liderado pelo empresário Mauricio Macri, atual chefe de governo da cidade autônoma de Buenos Aires.

² Metodologicamente, fizemos uso de métodos qualitativos: entrevistas, observação participante e análise documental.

³ “Recrear para el Crecimiento” foi um partido político de centro-direita formado em 2002 e liderado por Ricardo López Murphy. Em 2009, o partido se fundiu, mediante uma aliança interpartidária com o PRO.

⁴ A crise de 2001 se refere a um período de crise econômica, desordem institucional e mal-estar social, ocasionados pelo efeito das políticas neoliberais na Argentina durante na década de 1990 e que eclodiram durante o governo de Fernando de la Rúa.

⁵ O “Cacerolazo” constitui uma modalidade de protesto que expressa o descontentamento de um grupo ou setor, que faz uso de utensílios domésticos com a finalidade de produzir um ruído ensurdecedor. Este método de manifestação popular foi instaurado na Argentina durante a crise de 2001, especialmente pelas classes médias urbanas.

⁶ As eleições de outubro de 2007 deram a vitória à Cristina Fernández de Kirchner (atual Presidente da Nação), e Elisa Carrió sagrou-se o segundo candidato mais votado.

⁷ Sobre esta lógica redentorista, recomendamos ver Pace (2006).

⁸ Grupos de trabalho do VPMP: Política, Equipe Técnica, Desenvolvimento Territorial, Eventos, Imprensa, Recursos Humanos, Finanças e Juventude.

⁹ Dentro do grupo “juventude”, se registrou a presença de um pastor e de grande quantidade de líderes juvenis.

¹⁰ Carlos Menem foi presidente da Argentina entre 1989 e 1999. A ampliação do modelo neoliberal durante sua gestão trouxe consigo uma onda de pauperização social que implicou uma crise de legitimidade do sistema político. Na citação analisada, o entrevistado enfatiza em seu discurso um imaginário extensamente difundido na sociedade argentina, onde a figura de Carlos Menem se apresenta como sinônimo de “ruim político”.

¹¹ A palavra “laburo” é uma gíria rio-platense que significa trabalho ou esforço.

¹² Gostaríamos de assinalar que esse cenário não supõe que a deputada tenha mobilizado a juventude para manifestar-se contra a despenalização do aborto, mas que em seu roteiro de alianças no interior da comunidade evangélica, Hotton obteve a permissão para participar de um festival organizado por um dos pastores jovens mais importantes do circuito cristão.